

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 5 O Papel do Professor Tutor

1

Para começar Uma história... duas escolas, dois percursos...

Isabel Leitão Seabra e Isabel Monteiro

Uma história

O João com 13 anos ainda frequentava o 5º ano. Vida difícil, numa família em que a escola tinha uma importância marginal face à satisfação de outras necessidades. Por isso, nos primeiros anos, faltou muito à escola, porque a mãe, cansada da vida, se esquecia de o acordar a horas. Um dia, ainda no 2º ano, mas já com três retenções, uma professora mudou a sua vida. Como ninguém, soube compreendê-lo e acarinhá-lo, e, ao acreditar nele, fê-lo compreender que podia ser capaz. Para não a desiludir, assumiu para si a importância de ir à escola. Embora muitas vezes atrasado, lá ia, e a professora, com uma paciência infinita, explicava -lhe uma e outra vez o que tinha perdido. Acabaram as retenções e chegou ao 5º ano.

Mas, agora, tudo era ainda mais difícil. Não que não fosse esperto – pelo menos era o que o diziam – mas as disciplinas eram muitas, não tinha todos os cadernos nem todos os livros. Nunca sabia onde marcava os trabalhos de casa, estudar para os testes era só às vezes, nos intervalos, antes das aulas.

Os atrasos às aulas continuaram, esquecia-se de comprar a senha para o almoço e, nessas alturas, as tardes pareciam ainda maiores.

De quando em vez começou outra vez a faltar. Era tudo tão complicado.

O ano foi correndo. A directora de turma e os professores foram aprendendo a conhecê-lo, apanharam o seu lado bom, e foram percebendo que tinham de o incentivar, de mostrar que acreditavam nele. Tinham também de estar atentos a tudo – à marcação das senhas, ao registo dos trabalhos de casa (que só fazia em Estudo Acompanhado com o apoio de um dos professores) e perceberam que melhor que marcar faltas de material era arranjar alguns livros emprestados.

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 5 O Papel do Professor Tutor

2

No final do ano melhorou um pouco. Com alguma hesitação dos professores, acabou por transitar para o 6º ano. No conselho de turma final, foi proposto que no ano seguinte beneficiasse de uma tutoria e que a actual directora de turma assumisse essa função. Todos acreditaram que com alguma ajuda o João ia ser capaz.

Uma escola, um percurso

Iniciou o ano seguinte com apoio em tutoria.

A atribuição da professora, já no final da distribuição de recursos para a implementação dos planos de acompanhamento, foi administrativa – era o horário que encaixava - sexta-feira ao fim da tarde, 45' por semana. Ao saber que ia ser tutora, mostrou-se contrariada. De acção tutorial, apenas tinha a ideia de que ser tutor era ser “uma espécie de mãe na escola” e não tinha vocação para isso. Não sabia bem o que fazer, a quem pedir ajuda... Do João pouco sabia, apenas que tinha já 3 retenções.

Ainda tentou...mas não tinha grande paciência para faltas de educação...As queixas começaram – eram faltas de material, faltas de trabalho de casa, atrasos constantes. Haveria alguma coisa a fazer? Os esforços não tinham retorno, nada valia a pena.

Desistiu... ainda antes do João, que deixou a escola para se perder nos caminhos do insucesso.

Outra escola, outro percurso

Iniciou o ano seguinte com apoio em tutoria.

Por razões administrativas, não foi possível atribuir este apoio à directora de turma do ano anterior. Sendo uma prioridade da escola o atendimento a situações de risco, o caso foi analisado, ainda no final do ano lectivo, pelo grupo coordenador dos professores tutores. Com base na análise do perfil elaborado no conselho de turma, na proposta de tutoria, foram pensadas algumas hipóteses para a atribuição desta tutoria – era preciso encontrar a pessoa certa. Nessa escolha contaram com a directora de turma que lembrou a relação privilegiada do João com a professora de Matemática, que também tinha uma certa empatia com ele.

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 5 O Papel do Professor Tutor

3

Depois foi preciso encontrar horário. A professora, que aceitou de bom grado, nem se importou de fazer um pequeno ajuste e lá ficou marcado – 45 minutos fixos, de forma mais formal, e outros 45 minutos de gestão flexível, ajustável às necessidades sentidas em cada semana.

E o desafio começou. Semanalmente, na hora marcada, conversavam, faziam o ponto da situação, organizavam os materiais, planificavam o trabalho e às vezes ainda sobrava um bocadinho para fazer trabalhos de casa. O outro tempo foi muito flexível – momentos houve em que acompanhou o João na hora de almoço, outros em que foi preciso um contacto no próprio momento com a mãe ou com as técnicas da Junta de Freguesia, outros em que apenas conversou com o João no recreio e outros em que, sabendo que ia ter um teste, o ajudava a preparar-se.

O desafio continuou, com dificuldades, mas com grande firmeza e muita tolerância. Foi preciso pensar sempre em estratégias diferentes, mas a discussão de casos em reunião de professores tutores trazia novas ideias e, principalmente, a vontade e a força para não desistir.

A certa altura, o João quase abandonou a escola. Foi necessário mobilizar os recursos da comunidade e, quando regressou, a professora tutora lá estava para o ajudar mais uma vez a integrar-se. Sem um reparo, sem uma crítica, continuando a mostrar que acreditava.

No fim conseguiu concluir o 6º ano. Foi encaminhado para um curso de Educação Formação de mecânica e, hoje, no caminho para a oficina onde está a estagiar, não há lugar para atrasos...

[Uma história... duas escolas... dois percursos...](#)